

Confusão à vista na boca da urna

**Da Constituinte, queriam
licença para dirigir.
Ganharam o direito de
eleger o dirigente do País**

A jovem paulistana Sueli Lobo, de 16 anos, estava com os rojões prontos para ser disparados na festa da promulgação da Constituição. Ela sonhava com a possibilidade de poder dirigir automóveis e motocicletas — e contava com uma lei que lhe desse esse direito. No lugar disso, veio a permissão para que votasse, pela primeira vez, na eleição mais democrática da História do País, que escolherá o presidente do Brasil por via direta depois de quase 30 anos. Sueli não se mostrou satisfeita e nem sequer cuidou de tirar o seu título de eleitor: “Eu não estou preparada para votar, mas sim para dirigir”.

Sueli Lobo não está sozinha. De acordo com a pesquisa do Estado, 64% dos jovens de 16 a 17 anos não se sentem prontos para votar, e 66% dos que pretendem comparecer às urnas em 15 de novembro ainda não providenciaram o título. “Estou perdido no meio de tanta confusão que é a política”, diz Homero Olivetto, 16 anos e filho único do publicitário Washington Olivetto. Ele e a namorada Valéria Macchione, alunos do 1º Colégio do liberal Colégio Oswaldo de Andrade, só iam tirar o título de eleitor por causa de uma notícia espalhada nos corredores da escola. “Disseram que quem tivesse o título poderia fazer exame na auto-escola”, conta Valéria. Desfeita a confusão, ambos não pensam mais nas eleições.

Embora 64% não se sintam preparados, 69% manifestaram o desejo de eleger o futuro presidente. Flávia Lopes Bertier, 16 anos e aluna do Colégio Bandeirantes, por exemplo, enfrentará as urnas pela primeira vez, junto com sua mãe de 44 anos, com uma única certeza: não vota em candidato de direita. Como presente de 15 anos, ela ganhou dos pais uma viagem a Cuba e agora não tem dúvida de que o sistema socialista é muito melhor do que o capitalismo. “A Ilha não é uma maravilha, mas lá todo



Michèle Mifano/AE

Olivetto e Valéria: cedo para votar, tarde para dirigir



Michèle Mifano/AE

Faro: enganado pelo PSDB

mundo come e estuda”, constata ela, que na noite de quinta participou de um debate entre Lula e a juventude no Anhembi.

A pesquisa do Estado mostrou que o socialismo vem na frente na preferência dos jovens. Não se trata, porém, de uma opção muito consciente, em grande parte dos casos. “Não tenho a menor idéia por que o socialismo é o melhor, mas é o melhor”, afirma Luciana de Mello, 16 anos e aluna da Escola Municipal Derville Allegrette. “Meu pai vota em Maluf,



Jonas Cunha

Ana (no alto): ‘Se liga 16’

mas escolhi o Lula porque ele é mais de direita, ele faz as coisas bem direito”, confunde-se. Trapalhadas como essa não são comuns apenas em escolas públicas. “Deus me livre de Lula, ele é esquerda radical, como o Afanásio Jazadji”, diz Eduarda Dalla Vecchi, 17 anos e estudante do Colégio Santa Cruz, um dos mais caros e respeitados de São Paulo.

“O capitalismo pode não ser um bom regime para o povo, mas é bom regime para mim”, admite André Faro, 16 anos e aluno do mesmo colégio. O jo-

vem está inclinado a votar em Maluf (como o pai, um juiz de direito), mas gostaria mesmo, se fosse possível, de dar o seu voto a Jarbas Passarinho. “Ele é contra a reforma agrária, me identifico com ele em todos os sentidos.” Como não se sentia suficientemente preparado para votar, Faro, resolveu fazer um curso de política indicado pela mãe de um amigo. Só no final do curso, porém, descobriu que ele era organizado pelo PSDB. “Entrei numa fria: os professores nos induzem dizendo que o parlamentarismo é mais eficiente, mas não ensinam nada sobre o presidencialismo”, reclama.

Entre os jovens entrevistados, 67% acham que o presidente eleito construirá um Brasil melhor. Moreno Gadelha Velloso, 16 anos, filho de Caetano Velloso, é uma exceção. O pai não pára de insistir para ele entrar na campanha “Se Liga 16” — cujo objetivo é cadastrar o maior número possível de jovens, principalmente nas comunidades carentes —, mas nem a graça de Ana Kutner de Souza, filha de 17 anos dos atores Dina Sfat e Paulo José e uma das coordenadoras do movimento, conseguiu atraí-lo. “Não me ligo em política, não. Na minha escola, política se chama futebol.”

Na opinião do jovem paulista Hélio Maurício Barroso, secretário de organização da União Nacional dos Estudantes (UNE), a alienação e aversão à política dos jovens decorrem das sucessivas decepções causadas por episódios como as Diretas-Já e o fracasso da emenda Dante de Oliveira. Vinicius Caldeira Brant, presidente da UNE no início dos anos 60 e atual presidente do sindicato dos sociólogos de São Paulo, não vê muita definição política na nova geração. Ele lembra que na última eleição presidencial votou no marechal Henrique Lott e sabia muito bem o que estava fazendo, assim como seus companheiros. O mesmo não pode dizer a jovem Agnes Poliese, de 16 anos: “Se prefiro direita ou esquerda? Prefiro direita, é claro. No Afif ou no Lula? Votaria no Lula, é mais conhecido. Na verdade, não conheço bem política. Meu negócio é paquerar no Shopping Iguatemi” (risos).